

**Pesquisa da Realidade: o diálogo como princípio estruturante e como possibilidade de (re) significação de alternativas metodológicas para a prática docente.**

Gomercindo Ghiggi<sup>1</sup>

Beatriz Maria Boéssio Atrib Zanchet<sup>2</sup>

**1. Buscando a realidade onde trabalham as professoras: a escola e a pesquisa**

Acreditamos que para refletir, compreender e produzir alternativas para a melhoria do ensino em geral é necessário conhecer o mundo de diversidades onde e com o que atua o educador. É a partir dele que entendemos ser relevante iniciar uma reflexão acerca da ação docente e da construção dos conhecimentos com particular destaque para o mundo da cultura e da vida dos sujeitos da escola. Essa foi a hipótese que nos envolveu dialogicamente na rotina escolar em que atuam professoras de Primeiras Séries do Ensino Fundamental, algumas delas oriundas ou freqüentando o Curso de Pedagogia Noturno, na Universidade, buscando compreender não apenas a organização curricular, as ações docentes que envolvem o preparo das aulas, a escolha dos conteúdos, das técnicas de ensino e do material didático, a presença e a importância que toma ou não o mundo da criança, que, de alguma forma, chega à sala de aula, como também a forma como elas, as professoras, concebem essas rotinas e o conjunto das suas ações pedagógicas, com as quais produzem suas salas de aula. Como tudo isso foi realizado? Esse é o ponto que exigiu que a pesquisa aqui retomada assumisse os contornos de uma investigação dialógica, participante, pesquisa-ação e pesquisa-formação, pois as professoras, ao declararem suas práticas e as alternativas que constroem para enfrentar problemas que surgem no cotidiano do processo ensino-aprendizagem, assumem-se, também, como pesquisadoras de suas ações e de suas próprias reflexões.

A pesquisa foi desenvolvida junto a um grupo de Professoras das Primeiras Séries do Ensino Fundamental, da Escola Núcleo Habitacional Dunas, situada na periferia da cidade de

---

<sup>1</sup> Professor e pesquisador da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas/ RS/Brasil. [gghiggi@terra.com.br](mailto:gghiggi@terra.com.br)

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas/ RS/ Brasil. [biazanchet@terra.com.br](mailto:biazanchet@terra.com.br)

Pelotas/RS, com a intenção de estabelecer diálogos (sob a mediação das pessoas envolvidas, a centralidade dialógica deu-se entre o conhecimento científico e o conhecimento popular) entre pesquisadores e pesquisadoras e professoras, a partir das realidades reveladas através das práticas de sala de aula, que mostram, de alguma forma, a realidade social onde se inserem os sujeitos da escola (não raro, as próprias professoras vivem os mundos que fazem parte das crianças: realidade onde a dignidade humana é negada por dimensões em que a vida é “roubada”, ou seja, onde condições qualificadas de moradia, empregabilidade, alimentação e saneamento não passam de “desejos guardados e não realizados”). Inicialmente propusemos, às professoras, discutirmos o cotidiano da sala de aula, da escola e da comunidade, dos conteúdos que estavam sendo trabalhados nas primeiras séries do ensino fundamental, bem como as relações que se estabeleciam entre os sujeitos e o meio social onde estão inseridos. A tarefa proposta foi organizar reflexões sistemáticas partindo da descrição acima estruturada. Da análise dialógico-reflexiva em torno das mudanças que estão ocorrendo no mundo da escola em geral, com particular destaque para o lugar do conhecimento, emergiu a situação problema desta pesquisa resumida na seguinte questão: *como o estudo da realidade e o diálogo com a cultura dos alunos podem constituir-se em alternativas para a discussão e (re) significação de processos metodológicos utilizados por os sujeitos envolvidos?* Tendo como ponto de partida a formulação exposta, construímos questões que deram rumo e organização ao trabalho de investigação: - como ocorrem as práticas docentes em relação à realidade social dos alunos? - professoras e alunos interagem numa relação dialógica em sala de aula, concebendo os conhecimentos como uma mediação para tal? - as professoras assumem-se “autoridade” no processo de ensino e de aprendizagem, em particular pela capacidade que têm de fazer dialogar o mundo cultural da criança e o conhecimento organizado pela escola ou se *afirmam* através de atitudes autoritárias, fundamentais quando “fincadas” ora na rigidez do conhecimento dito científico, ora nas atitudes absolutizadoras do conhecimento popular? - como pesquisas, que

envolvem processos de intervenção na realidade, podem contribuir para a construção de propostas de práticas dialogadas que coloquem o aluno como sujeito na construção do conhecimento? O grupo de pesquisadores adotou como estratégia metodológica, a partir de ampliada discussão com as professoras, procedimentos que podem ser apresentados como: – *planejamento das ações intervenções* (etapa que antecedeu ao encontro com os professores, em que se buscou delimitar uma inserção no universo do ensino e do seu contexto); – *organização das ações* (etapa realizada após o conhecimento *primário* do grupo de participantes e da apresentação e reestruturação do detalhamento da proposta, procurando incorporar as contribuições das professoras que se integraram ao grupo); – *explicação da prática* (constituiu-se de estudos intermediados pela explicitação dos saberes que se constituem pelo mundo da sala de aula); – *retomada da prática* (busca da re-elaboração da prática desenvolvida e da sua (re) significação no contexto dos alunos; – *de ações alternativas e análise do movimento de mudança*. No decorrer da investigação foram sendo utilizadas diferentes estratégias, a seguir explicitadas.

## **2. Sujeitos da pesquisa e metodologia: interlocutores, intervenção e ações empreendidas.**

Esta pesquisa assumiu que o agente da mudança é o educador, em ação dialógica com os demais sujeitos da escola e da comunidade envolvida. Esse foi o pressuposto que serviu de base para a intervenção investigativa junto às professoras. Os participantes constituíram um grupo de aproximadamente 10 professores, que ministravam aulas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, e a Supervisora Pedagógica. O projeto foi apresentado inicialmente, em seus objetivos, linha de ação e proposta de trabalho, em reunião informal do grupo de pesquisadores na escola. O grupo de professoras que se formou foi voluntário desde que atendessem a condição de não se afastassem de suas atividades de docência. Foi explicitado que o objetivo da intervenção dos pesquisadores era o de criar condições para que os docentes participassem efetivamente da tomada de decisões em relação as suas práticas pedagógicas, mediante o

desenvolvimento de um conhecimento acerca do ensino e da possibilidade do diálogo. As ações empreendidas podem ser resumidas em: - discussão e detalhamento da proposta; - definição da ação conjunta para o conhecimento da realidade, descrição da prática pedagógica docente, levantamento do contexto escolar e dos problemas e dificuldades enfrentadas pelos professores em relação ao ensino dos conteúdos escolares; - aprofundamento teórico para a compreensão da prática pedagógica e da realidade observada; - análise crítica das práticas pedagógicas buscando desvelar os determinantes nas tendências desse ensino; - discussão de ações alternativas possíveis que pudessem atender e direcionar o ensino para a realidade observada. No decorrer da pesquisa, foram realizados estudos e discussões em grupo, análise do material produzido pelas professoras e pelos alunos, exposição oral acerca de procedimentos de investigação-ação, observações e relatos de experiências, dentre outros.

### **3. Análise do material: as provocações produzidas pela pesquisa dialógico-crítica**

Uma das etapas da investigação proposta provocou as professoras a produzirem um texto relatando e apontando elementos para a análise da sua própria prática de sala de aula. Dos textos das professoras, foi possível observar que: - existe a preocupação em “*transmitir*” os conteúdos prescritos em Livros Didáticos e/ou em Planos de Estudos - foi muito citada/enfatizada pelas professoras a utilização de variados recursos didáticos na sala de aula, como livros, revistas, artigos veiculados na TV; - as professoras demonstraram a preocupação em “*ouvir*” os alunos quando eles traziam exemplos *tomados* de suas realidades. Entretanto, não encontramos subsídios que nos levem a pensar que exista a *incorporação* dessa realidade nos processos de ensino, na sala de aula. O mundo vivencial e cultural da criança permanece apenas como informação adicionais ou exemplo e ilustração para facilitar a compreensão dos conteúdos. As professoras externaram a “*ansiedade*” em integrar e tornar seu ensino mais próximo do cotidiano dos alunos. Porém, ainda não conseguem *despegar-se* do conteúdo estabelecido pela oficialidade como se ele fosse o legítimo e único *conteúdo* que deve ser

trabalhado em sala de aula. No primeiro momento, propusemos, às professoras, que organizassem, durante algum tempo, registros, por parte das crianças, de seu percurso Escola-Casa, na forma de textos. A idéia foi “ler” o mundo produzido pelas crianças e tentar incorporá-lo à sala de aula, ajudando as professoras a circular entre os conhecimentos científicos e culturais. Percebeu-se, no entanto, que as professoras pouco *leram* sobre o mundo produzido pelas crianças, tomando por base o que disseram e relataram em reuniões da pesquisa na escola. O grupo de pesquisadores, ao ler os textos produzidos pelos alunos, pôde perceber que os alunos vão “*acrescentando*” elementos da objetividade que circunda seus mundos e da própria representação que fazem dele. Ficou evidenciada certa tendência a escrever o que a professora queria ler (os alunos foram receptivos à proposta mostrando-se interessados em produzir um texto original e real); embora percebêssemos evidenciados os valores de família, como as conversas com tios, a presença dos avós e as brincadeiras com os primos. A partir dessa leitura e dos relatos das professoras, solicitamos que elas retomassem a escritura dos alunos na perspectiva de observar o que estava ausente nos relatos, usando, como critério a questão da presença, nas vidas das crianças, do mundo dos conteúdos escolares. A indicação foi que levassem as crianças a reescreverem seus diários. A idéia é que fosse a partir da tentativa de agregar elementos novos nas discussões dos textos com os alunos e suprimir as lacunas que tivessem observado etc. Nesse ínterim, as professoras solicitaram mais estudos sobre os conteúdos, pois não se diziam em condições de direcionar um trabalho na perspectiva, ou seja, no sentido de perceber o mundo que a criança leva à sala de aula e as lacunas, não raro de observação, que os relatos apontavam. E nesse momento aparece o grande problema: a falta do conhecimento científico que ampare o senso comum. Tal afirmação nos aponta para o fato que elas foram cutucadas e “deram o braço a torcer” quanto à diferença entre informações e a dificuldade de um trabalho com a realidade social e cultural dos alunos.

### **3.1. Buscando a compreensão dos diálogos que aconteceram**

Algumas categorias extraídas da obra de Freire, como a compreensão de realidade concreta e pesquisa da realidade, têm nos acompanhado desde o início. A dificuldade maior, neste quesito, reside no conhecimento precário que temos da realidade concreta em que se situa o trabalho de docência com o qual estamos interagindo. Não raro, a tradição pedagógica privilegia o discurso bem elaborado proveniente de *outros lugares*, em detrimento do conhecimento dos problemas e do processo de conceituação da realidade mais local. Ao iniciar a pesquisa percebemos essa contingência e percebemos também o quanto a mesma retroage sobre nossas boas intenções de conhecimento das relações mais imediatas em face de categorias precárias para estudo da realidade posta. Assim, embora os ensaios de análise que acima esboçamos, colocamo-nos diante dos sujeitos históricos que vivem a realidade da pesquisa onde está sendo realizada a pesquisa, para auscultar, densamente, seus dizeres sobre a realidade concreta, procurando evitar, assim, que nossos carecimentos atropelam suas falas, impondo posturas autoritárias travestidas de competência teórica ou erudição. A superação de tais limites não se dá no plano meramente teórico, mas projeto e atitudes permanentes que dêem conta da dialogicidade que reflete Paulo Freire, quando, no caso, o diálogo entre o conhecimento que as pessoas carregam consigo – professoras, alunos, comunidade – e conhecimentos científico é imperativo que seja fecundo, lançando mão de estratégias radicalmente democráticas e menos autoritárias de organização curricular estão sob avaliação. É assim que se realiza conexão, na realidade, entre objetividade e subjetividade, paradigma que tanto tem sido explicitado pela pesquisa participante (Freire, Brandão, Thiollent e outros), pela pesquisa-ação, pela pesquisa-formação etc. Estamos advogando, assim, na investigação aqui pensada, para a compreensão das falas, escritos e propostas que estão sendo avaliadas, na Escola aqui analisada, a radicalidade, na investigação, do respeito e a produção de práticas coletivas críticas em relação aos dogmatismos que limitam ações em educações, sem abrir mão da diretividade tensionada e tensionadora para educar a sensibilidade, para perceber e poder

melhor escutar as pessoas – especialmente alunos e professoras – com as quais estamos refletindo o ensino e a aprendizagem nas primeiras séries do ensino fundamental. Outra dimensão central, não descolada da pesquisa crítica e participante, mas parte integrante da mesma, é o diálogo. Partimos do princípio que o diálogo precisa acontecer em sua radicalidade freiriana, ou seja, procurando realizar o diálogo para além das prováveis banalizações que podem estar ocorrendo com a prática do *diálogo freiriano*. A investigação, então, tem procurado pautar pelo diálogo em sua dimensão ontológica, tomada como referência para pensar a formação humana. Ou seja, nos encontros que acima registramos, ocorrem, auscultando Freire, encontros só realizáveis pelo diálogo, quando, não apenas pela palavra, mas o saber das pessoas é valorizado, tornando a atividade investigativa um processo que tem sentido. Por isso Freire afirma que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses *que-fazeres* se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando” (Freire, 1997). Para Freire, o diálogo institui-se como opção metodológica central para evitar a intolerância (em relação à fala do outro e a seu saber, assim como em relação ao qualificado diálogo que deve ocorrer entre o saber que cada um porta consigo para o encontro e o conhecimento do outro e do conhecimento científico) e o relativismo (algo como, tudo vale, desde que nasça da vida..., o que não pouco tem aparecido na investigação aqui retomada), tornando-se condição de necessidade da própria distinção humana. Tomamos o diálogo na pesquisa aqui exposta como a capacidade humana de dirigir-se ao outro para estabelecer relações tanto para a decifração e compreensão do mundo quanto para a fundamentação das práticas que, entre si, convergem ou divergem, tornando-se não apenas objeto de encontro, mas imperativo de justificação e/ou fundamentação dos atos humanos praticados. Assim, o diálogo tem uma condição de necessidade de existência: a reciprocidade, implicando, necessariamente, a *troca*, tendo por solo tanto a semelhança quanto a diferença, mas com destaque para a sábia lembrança de Freire: diálogo que atua tanto com as semelhanças

quanto com as diferenças, não com os antagônicos. Em Freire, encontramos referências para pensar o diálogo a partir do acolhimento, da reciprocidade e do livre debate, processualmente regrado, como companheiros nas reflexões e nos processos educativos. Conforme lemos em sua obra, nesta investigação, além dos escritos das professoras e dos alunos, lembramos os contatos profundamente *existenciais* que conseguimos manter com as professoras. São falas que explicitam a situação das pessoas a partir do mundo que vivem na escola, em especial, reveladores dos dramas e tramas da vida em que estão envolvidos seus alunos: são sofrimentos, alegrias, alternativas na produção da vida, modelos de produção econômica, de produção social e política de homens e mulheres em sociedade. Relatando investigações (Freire, 1994), afora equívocos que reconhece ter cometido, Freire tematiza o diálogo a partir de falas que giram em torno de escola, de SMEs, de conjuntura produtiva e política, de dúvidas e incertezas de professoras e professores, ocasiões em que lembra a importância da formação, da conceituação da realidade, de sofrimentos mais particulares e domésticos, de lutas e vitórias, de emoções que as pessoas sentem com as descobertas dos alunos, dos filhos etc. Esta investigação, da mesma forma, aponta para a importância de considerar os momentos de declaração de tristezas, tanto de professores quanto de alunos, em relação ao sofrimento e limitações diversas, da impotência ante a cultura reprodutora e banalizante consumida por alunos e comunidades escolares. Momentos, também, (Ghiggi, 2002), da documentação da *felicidade*, porque a escola tem ajudado muitas pessoas a superar dificuldades. São encontros em tempos e espaços que envolvem pessoas na busca de compreensão de significados nos processos que envolvem o ensino e a aprendizagem em sala de aula. Do exposto, entendemos que é principal buscar entender como se materializam processos de busca rigorosa e ética que buscamos realizar na pesquisa aqui apontada, por opção *dialogico-crítica*. A fim de garantir espaço à surpresa, à imaginação e à interrogação, Freire tem indicações aos desafios metodológicos que se põem para pesquisadores em educação, comprometidos com a ética e com o rigor conceitual. É esta



afirmação que me movimenta à realização e organização desta reflexão, que apresentamos com base em conceitos atados à ciência e à investigação científica em perspectiva freiriana. Freire produz originalidade em sua proposta acerca de pesquisa-ação, participante, *alternativa ou metodologia crítica*, tendo por base a “*descoberta e construção do universo vocabular*” (1978) e a definição dos “*temas geradores*” (1982) primordialmente pensados para educação de adultos. É desde o que afirmamos que buscamos, centralmente em Freire, orientações para as tarefas de investigação aqui posta, lembrando que a proposta (Cicourel, 1990) exige orientações, cuidados e definição de princípios. Encontramos em Freire, o diálogo como suporte político-epistemológico a partir do que se realizou a investigação comprometida com construção de alternativas para as práticas e com a melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas com a escola citada. Freire traz à sua obra concepções de ciência, de investigação, de rigor, de conhecimento, de compromisso do pesquisador educador na descoberta científica e rigorosa do mundo, enfim, compreensão de elaboração do saber, motivo fundamental da pesquisa comprometida com a diminuição dos problemas sociais limitadores da dignidade humana. A experiência do diálogo, com a mediação do conhecimento produzido, é principal à *investigação dialógico-crítica*. O diálogo é indicador metodológico principal quando a proposta é investigação que envolve situações às quais a perspectiva positivista não é suficiente. A importância do diálogo está na reflexão dos envolvidos, destacando que o que os aproxima é a possibilidade de, no encontro, desvelarem o mundo. O silêncio e o monólogo, próprios de muitas investigações, servem para que o saber se perpetue como instância de poder de poucos sábios sobre ignorantes. O diálogo, para Freire, exige amor, humildade, respeito ao saber do outro e à crença de que somos capazes de construir a história e construirmo-nos no inacabamento existencial que nos é próprio: os humanos vivem em diálogo, embora dimensão não raro negada. Freire elabora tais reflexões tendo por base concepções de realidade, de ciência e opções metodológicas favoráveis à pesquisa dialógico-crítica, temas que reflete ao

afirmar: “conhecer uma dada realidade (...) enquanto nela atuamos ou para nela atuar, é saber em que realmente consiste a realidade concreta”, assumindo demarcação conceitual ao afirmar que a “realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados (...) em si mesmos. Ela é todos esses fatos e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim, a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade(...)” Definido conceitualmente o campo e o percurso metodológico, Freire coloca-o ante a opção do pesquisador, afirmando que se a mesma “é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa.” Essa opção inclui o outro como sujeito da investigação: “não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento(...)”. Além de defender envolvimento rigoroso e ético com quem o pesquisador realiza a investigação, Freire pergunta pela razão da produção científica: “a quem sirvo com a minha ciência? Esta deve ser uma pergunta constante (...). E devemos ser coerentes com a nossa opção, exprimindo a nossa coerência na nossa prática.” (In Brandão, 1982) Foi principalmente o texto acima que nos levou de maneira *diferente* à escola das professoras, aqui sujeitos da pesquisa: a condição de possibilidade de realizar investigação conjunta para dar conta do desafio de produzir ciência a serviço das necessidades da vida a partir da escola.

## 5. Referências

- BECKER Howard S.(1994). *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 2 ed. São Paulo: Hucitec. BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari K.(1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto.
- BRANDÃO, Carlos.(1982). *Pesquisa participante*. SP: Brasiliense.
- BRANDÃO, Carlos.(1984). *Repensando a Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense.

- CICOUREL, Aaron. (1990). Teoria e método em pesquisa de campo. In ZALUAR, Alba. *Desvendando máscaras sociais*. 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- DELAS, Jean-Pierre & MILLY, Bruno.(1997). *Histoire des pensées sociologiques*. (Tradução da 1ª parte do capítulo 9, *Interacionismo Simbólico*, de Gomercindo Ghiggi). Paris: Editions Sirey.
- DENZIN, Norman K.. **Interpretative Ethnography**. Ethnographic practices for the 21 st Century. Thousand Oaks, SAGE Publications, 1997 (Tradução do 1º cap. realizados por Cleimon Dias).
- ELLIOTT John. (1990). *La investigación-acción en educación*. Trad. de Pablo Manzano. Madrid: Morata.
- FREIRE, Paulo.(1978). *Educação como Prática da Liberdade*. 8ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo.(1982). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo.(1994). *Pedagogia da Esperança*. 3ed. RJ: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo.(1997). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo.(2000). *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.
- FREIRE, P; OLIVEIRA, R. M de; CECCON, C.(1980). *Vivendo e aprendendo: experiência do Idac em educação popular*. São Paulo: Brasiliense.
- GHIGGI, Gomercindo. (1998). *A pedagogia da autoridade a serviço da liberdade*. Pelotas: Seiva.
- THIOLLENT, Michel.(1985). *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.